



FOLHA INFORMATIVA N.º 38-2011

O Centro histórico de Macau – Património da Humanidade



À primeira vista pode parecer que a Cultura Avieira nada tem a ver com o tema desta publicação.

Porquê uma referência ao Centro Histórico de Macau – património da Humanidade, reconhecido no dia 15 de Julho de 2005?

Macau, um território com cerca de 29 Km², que resistiu à pressão imobiliária e ao valor astronómico que o valor do metro quadrado atingiu e que tão bem soube (e sabe) preservar o seu património material e imaterial.

A exposição *Centro Histórico de Macau - Património da Humanidade* esteve patente ao público até dia 18 de Dezembro, na Casa-Memória de Camões em Constância e foi um acontecimento cultural relevante.

Começa aqui a resposta à estranheza inicial. Retratando a ligação histórica de Portugal com Macau, esta mostra realça as marcas bem visíveis no traçado tipicamente português dos edifícios e praças, na língua que continua a unir, na gastronomia que não esquece os pratos de bacalhau, as sardinhas albardadas ou o pastel de nata cremoso, nas manifestações religiosas e nas profanas populares. Cá ou lá, em Constância que acolhe este “pedaço

longínquo”, ou lá, nas terras mais próximas do sol nascente, permanece a alma portuguesa. E conta-se que uma outra grande alma, uma alma de poeta, por lá e por cá se inspirou nas terras e nas gentes, nos amores e infortúnios, vencendo as “leis da morte” e immortalizando para sempre o seu nome e o nome de Portugal. Luís de Camões que desterrado viveu em Constância, o mesmo poeta que em Macau viveu.



E se a memória do Poeta é indissolúvel de Constância, a alma portuguesa é indissolúvel daquele que é agora território sob administração chinesa desde 20 de dezembro de 1999, mas português durante quatrocentos anos.

A implementação de uma rota da Cultura Avieira passa pela valorização regional e pela oferta diversificada de produtos turísticos ligados ao Tejo. Não apenas ao Tejo, curso de vida e coração dos “marítimos”, – porque “ao Atlântico nunca chegavam, andavam no mar da Palha e a designação vem daí”- segundo Matias Coelho, historiador e autor de “Os últimos avieiros do Tejo” – mas em especial Constância, coração do nosso património histórico e cultural.

Nas comunicações que se seguiram à inauguração da exposição, pôde-se ouvir, por exemplo, o Prof. Doutor Luís Mota Figueira, do Instituto Politécnico de Tomar, defender a criação de “circuitos” camonianos, como sugestão de ofertas turísticas de qualidade, sendo que um deles passaria obviamente por Constância.

Máximo Ferreira, Presidente da Câmara Municipal de Constância congratulou-se por este ser mais um dos muitos momentos que a Casa-Memória de Camões tem acolhido e, na qualidade de Vice-Presidente da Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo, relevou a importância desta iniciativa. A Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo, como referiu, tem “ a preocupação de rentabilizar recursos, desenvolver e implementar estratégias para que o turismo seja motor de desenvolvimento regional”.



Carlos Amorim, do Setor da Cultura da Câmara Municipal de Constância, as “mãos” desta exposição

Assim, se à primeira vista “sentir Macau em Constância” nada tem a ver com a Cultura Avieira, poder-se-á facilmente constatar que as ofertas e os produtos turísticos ligados ao Tejo e às comunidades ribeirinhas, com destaque para aqueles que marcaram a vida dos

“ciganos do rio” se inserem num conceito mais abrangente de rota turística que, além dos pontos de interesse paisagístico, integram centros de interesse histórico, cultural, gastronómico, entre outros, ou seja, os referentes ao património material e imaterial. A Rota da Cultura Avieira cruza-se assim com outras rotas traçadas ou a traçar... Das “águas” se parte e às “águas” se chega.



Representante do Centro de Promoção e Informação Turística de Macau em Portugal, Presidente da Câmara Municipal de Constância e representante da Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo



No momento da inauguração...

O Centro Histórico de Macau constitui uma herança inestimável de legados arquitetónicos, ruas e praças. Destacam-se o Largo da Barra, o Largo do Lilau, o Largo de Santo Agostinho, o Largo do Senado, o Largo da Sé, o Largo de S. Domingos, o Largo da Companhia de Jesus e o Largo de Camões.

Macau, cujo nome pode ter derivado de uma homenagem à deusa Á-Má - segundo conta a lenda nativa, a deusa Nèong-Má, também chamada Má-Tchou-P'ó, umas das personificações da Rainha do Céu, da mitologia chinesa, salvou, durante uma tempestade, um junco que transportava vários negociantes da província de Fuquien, que costumavam frequentar este porto. Agradecidos pela oportuna intervenção da miraculosa deusa dos navegantes, erigiram um pequeno templo, na sombria encosta do morro, plantado de frondosos bananeiros ou árvores de pagode e sobranceiro ao porto, o qual ainda hoje existe, integrado num conjunto de capelas que foram aumentando, graças à devoção e gratidão dos fiéis em diversas épocas. É conhecido, entre os portugueses, pelo nome de Templo da Barra, por este sítio ser designado, na toponímia local, por Barra. A este templo consagrado à deusa A-Má, nome familiar de Nèong-má, deram-lhe os chineses o nome de Ma-Kók-Miu e o local onde ele se encontra erigido ficou denominado Má-Kók.

O Centro Histórico de Macau

No tempo de há 400, Macau constituiu uma importante porta de acesso através da qual a civilização ocidental entrou na China. Durante centenas de anos, este pequeno pedaço de terra sustentou um processo de sinicização e intercâmbio de culturas que moldaram a sua própria identidade única.

O Centro Histórico de Macau constitui um testemunho vivo da assimilação e da coexistência continuada das culturas orientais e ocidentais no decorrer de um capítulo único da história; representa o encontro cultural Oriente-Occidente, marcado de êxito, reflectindo a persistente abertura da civilização chinesa ao influxo de conceitos culturais ocidentais ao decorrer daquele período histórico, e é fruto de múltiplas histórias, muitas entre culturas e civilizações diferentes.

O local tem sido considerado não apenas na plenitude das suas dimensões arquitectónicas e urbanas, mas também no facto de ter esta preservado o seu espírito e funções originais até aos nossos dias. Como parte integrante da herança actual da cidade, a conservação do Centro Histórico de Macau é crucial para a população local enquanto que, num contexto mais amplo, representa uma parte importante da História da China e da História Mundial, e sua relevância ao seu significado histórico e cultural, deve ser preservada.

O Centro Histórico de Macau foi inscrito na Lista do Património Mundial, a 15 de Julho de 2005, tornando-se no 31.º sítio designado como Património Mundial da China.

Este reconhecimento internacional ajudará a fomentar a consciencialização da comunidade e a nutrir a apreensão dos valores patrimoniais, influenciando positivamente propostas futuras de desenvolvimento urbano, que serão levadas a cabo em consonância com a conservação do património.

A partir da data da nomeação, a população de Macau foi mobilizada pelo mundo de garantir a preservação de O Centro Histórico de Macau. Todos nós, enquanto comunidade, somos agora e mais do que nunca, responsáveis por este dever. Trabalhando em conjunto, cremos certamente alcançar o nosso objectivo de proteger algo de valor único para o mundo.



*A simbiose perfeita...
Marcas do ocidente
no oriente*





Igreja de Santo Agostinho



Aspetto da distribuzione dos painéis com imagem e descrição dos diversos pontos de interesse que integraram o Centro Histórico de Macau



A exposição distribui-se pelos três pisos da casa





Elementos tradicionais chineses integram harmoniosamente o espaço





Os oradores nas suas apresentações



Presidente da CMC, Dr. Máximo Ferreira



Turismo de Macau, Dr. Rodolfo Faustino



Inst. Polit. Tomar, Prof. Doutor. Luís M. Figueira



Presidente da Casa-Memória de Camões, Dr.ª Ana Dias



A assistência...



Um brinde ao sucesso "Sentir Macau em Constância"



A encerrar a comunicação que proferiu e na qual destacou o esforço de várias entidades e “filhos da terra” na criação da Casa-Memória de Camões, em especial do Dr. Adriano Burguete, médico constanciente e da Dr^a Manuela de Azevedo, jornalista e escritora, a atual presidente, Dr^a Ana Maria Dias, fez suas as palavras inscritas numa lápide de homenagem ao poeta, numa gruta, em Macau, onde reza a tradição, escreveu parte de “Os Lusíadas”:

"A Luiz de Camões Grande Poeta da Humanidade e Símbolo do Universalismo Português".



Dois locais tão distantes um do outro, como sejam Constância e Macau, serão contudo, para sempre, locais marcados pela presença do Poeta. E aqui, na Vila Poema, um pequeno dragão observa numa janela indiscreta, ao anoitecer, os “Amores” escaldantes numa ilha perdida algures....

*Ana Paula Pinto
Carlos Vitorino*